

volume

27/1

Dezembro/2021

ICH - UFPel

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

dossiê: História, Arte e Patrimônio Cultural: interlocuções na construção do conhecimento histórico

*Ast. Le primeira d dom # ckel a primeira to dem  
especialidades em doces specialidades em doces  
para casamentos, baptipara casamentos, bapti-  
sados e banquetes. E' asados e banquetes. E' a  
unica depositaria da afuunica depositaria da afu-  
mada Guarana Espumamada Guarana Espuma-  
te e do eccellente chowae e do excelente do  
lato Laeta, fabricados enlato Laeta, fabricados em  
S. Paulo pelos Srs. Zos. Paulo pelos Srs. Zos.  
notta Leancira & Ciapotta Leancira & Ciap-  
A Confeitura Brasileira Confeitura Brasileira*



Hist. Rev. Pelotas Número 27/1 p.1-161 dez. 2021

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela  
Universidade Federal  
de Pelotas**

*Reitora*

Isabela Fernandes Andrade

*Vice-Reitora*

Ursula Rosa da Silva

*Chefe do Gabinete da Reitoria*

Aline Ribeiro Paliga

*Pró-Reitora de Ensino*

Maria de Fátima Cóssio

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação*

Flávio Fernando Demarco

*Pró-Reitora de Extensão e Cultura*

Eraldo dos Santos Pinheiro

*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis*

Fabiane Tejada da Silveira

*Pró-Reitor Administrativo*

Ricardo Hartlebem Peter

*Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento*

Paulo Roberto Ferreira Júnior

*Pró-Reitor de Gestão de Pessoas*

Taís Ulrich Fonseca

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial*

*Presidente do Conselho Editorial:* Ana da Rosa  
Bandeira

*Representantes das Ciências Agrárias:* Victor  
Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra  
Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

*Representantes da Área das Ciências Exatas e da  
Terra:* Eder João Lenardão (TITULAR)

*Representantes da Área das Ciências Biológicas:*  
Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e  
Francieli Moro Stefanello

*Representantes da Área das Engenharias:*  
Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

*Representantes da Área das Ciências da Saúde:*  
Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e  
Anelise Levay Murari

*Representantes da Área das Ciências Sociais  
Aplicadas:* Daniel Lena Marchiori Neto  
(TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e  
Maria da Graças Pinto de Britto

*Representante da Área das Ciências Humanas:*  
Charles Pereira Pennaforte (TITULAR),  
Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da  
Silva Leite Junior

*Representantes da Área das Linguagens e Artes:*  
Lúcia Bergamaschi Costa Weymar  
(TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João  
Fernando Igansi Nunes

*Instituto de Ciências Humanas*

*Diretor:* Prof. Dr. Sebastião Peres

*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Andréa Lacerda  
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel –  
Profa. Beatriz Loner*

*Coordenadora:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

*História em Revista* – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Prof<sup>ª</sup>. Beatriz Loner

*Comissão Editorial:*

Prof<sup>ª</sup> Dra. Lorena Almeida Gill  
Paulo Luiz Crizel Koschier

*Conselho Editorial:*

Prof<sup>ª</sup> Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

*Editora:* Lorena Almeida Gill

*Editores do Volume:* Darlan De Mamann Marchi e Luciana da Costa de Oliveira

*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa:* Pousada de carreteiros. Óleo sobre tela. 1921. Pedro Weingärtner.

*Pareceristas ad hoc:*

Amilcar Guidolim (URI – Santo Ângelo) |  
Angela Pomatti (MUHM) | Bárbara Tikami (UNISINOS) |  
Carolina Etcheverry (PUCRS) | Lidiane Elizabete Friderichs (UFPel) |  
Rita Juliana Soares Poloni (UFPel) |  
Olivia Nery (UFPel)

*Editora e Gráfica Universitária*

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411  
e-mail: editora@ufpel.edu.br

*Edição:* 2021/2

ISSN – 2596-2876

*Indexada pelas bases de dados:* Worldcat Online  
Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

*e-mail:* [ndh.ufpel@gmail.com](mailto:ndh.ufpel@gmail.com)

\* obra publicada em dezembro de 2021.



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733  
Biblioteca de Ciências Sociais - UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê: História, Arte e Patrimônio Cultural: interlocuções na construção do conhecimento histórico) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel - Profa. Beatriz Ana Loner, v.27, n.1, 2021. - Pelotas: UFPel/ NDH, 2021 – 161 p. ; 3,8MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Arte 3. Patrimônio cultural

CDD: 907

---

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

## ENTRE A ARTE E A TÉCNICA: A FOTOGRAFIA COMO SUPORTE MEMORIAL EM SÃO MIGUEL DAS MISSÕES/RS<sup>1</sup>

BETWEEN ART AND TECHNIQUE: PHOTOGRAPHY AS MEMORIAL SUPPORT IN SÃO MIGUEL DAS MISSÕES/RS

*Ivo dos Santos Canabarro<sup>2</sup>*  
*Juliani Borchardt da Silva<sup>3</sup>*  
*Noli Bernardo Hahn<sup>4</sup>*

**Resumo.** O artigo aborda a possibilidade de utilização de imagens fotográficas para um determinado estudo de caso sobre São Miguel das Missões no Rio Grande do Sul, local este consagrado patrimonialmente pelo Estado brasileiro desde meados dos anos 1920. Para o desenvolvimento da proposta de estudo, o artigo se divide em dois tópicos sequenciais e articulados. O primeiro descreve a fotografia como uma representação visual capaz de trazer à tona indícios sobre uma determinada realidade, bem como a possibilidade de utilizá-la para a produção de conhecimento. O segundo tópico sequencial faz uma aplicabilidade das imagens fotográficas, entendidas como indícios representativos, utilizadas para o estudo do patrimônio num sítio arqueológico, entendido esse como um espaço consagrado de memória. No que tange à metodologia, utilizaram-se as abordagens analítica e interpretativa. Por intermédio de fotografias relacionadas ao patrimônio da localidade supracitada, bem como de revisão bibliográfica, buscou-se construir uma inter-relação com o estudo proposto.

**Palavras-chave:** Fotografia, patrimônio cultural, memória, São Miguel das Missões/RS.

**Abstract.** The article deals with the possibility of using photographic images for a particular study on São Miguel das Missões in Rio Grande do Sul, a place consecrated by the Brazilian State since the mid-1920s. For the development approach of the study, the article is divided into two sequential and articulated topics. The first one describes photography as a visual representation capable of bringing out clues about a given reality, as well

<sup>1</sup> Artigo recebido em 15 de julho de 2021 e aprovado em 01 de novembro de 2021.

<sup>2</sup> Ivo dos Santos Canabarro – Pós-doutorado e doutorado em História Social pela UFF (Universidade Federal Fluminense) e UP3 (Universidade de Paris III). Professor permanente no PPGDH – Mestrado e Doutorado em Direitos Humanos – UNIJUI/RS. Pesquisador associado a UNESCO – Cátedra diversidade cultural, gênero e fronteiras – E-mail: [ivo.canabarro@unijui.edu.br](mailto:ivo.canabarro@unijui.edu.br)

<sup>3</sup> Pós-doutoranda no PPG em Direito URI *Campus* Santo Ângelo/RS. Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Possui graduação em Administração-Projetos e Empreendimentos Turísticos pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (2009) onde também cursou especialização em História, Cultura, Memória e Patrimônio (2012). É Especialista em Democracia Participativa, República e Movimentos Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014) e mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL (2014). Graduada em História-Licenciatura pelo Centro Universitário Internacional (2018). Possui experiência em organizações civis e públicas que tratam da temática do Patrimônio Arqueológico, histórico, cultural e de memória. Atualmente atua na assessoria acadêmica da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Cerro Largo-RS. E-mail: [julianiborchardt@gmail.com](mailto:julianiborchardt@gmail.com).

<sup>4</sup> Pós-Doutor pela Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Doutor em Ciências da Religião, Ciências Sociais e Religião, pela UMESP. Professor Tempo Integral da URI, Campus de Santo Ângelo. Graduado em Filosofia e Teologia. Possui formação em Direito. Integra o Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado e Doutorado em Direito. Lidera, junto com o professor Dr. Leonel Severo Rocha, o Grupo de Pesquisa *Novos Direitos na Sociedade Complexa*. Pesquisa temas relacionando Direito, Cultura e Religião. E-Mail: [nolihahn@san.uri.br](mailto:nolihahn@san.uri.br)

as the possibility of using it to produce knowledge. The second sequential topic makes an applicability of photographic images, understood as representative signs, used for the study of heritage in an archaeological site, understood as a consecrated space of memory. Concerning the methodology, analytical and interpretive approaches were used. Through photographs related to the heritage of the aforementioned location, as well as a literature review, it pursued to build an interrelationship with the proposed study.

**Keywords:** Photography, Cultural Heritage, Memory, São Miguel das Missões/RS.

---

## Introdução

As imagens podem compor todo um conjunto de representações, apresentando indícios de vivências em outros tempos. Como indícios perpetuados em um determinado suporte, servem como testemunhos, que no tempo presente nos fazem ter uma noção de um passado enquadrado em um determinado espaço icônico. No nosso caso específico, eternizadas no recorte do espaço fotográfico, como ele se produziu com um recorte, nos restam um outro conjunto de indícios que não foram captados pelo ato fotográfico. Fica para sempre esse empate entre o que foi capturado pelo ato e tudo o que ficou fora desse enquadramento. Cabe a nós pesquisadores fazermos uma leitura que aproxime os elementos icônicos capturados com um contexto do momento do ato fotográfico. Portanto, como somente temos acesso aos indícios fragmentados, precisamos quase que recompor como um caleidoscópio de pequenos pedacinhos que fizeram parte de um contexto, do cenário em que esses fragmentos eram parte de sua composição, tanto de sua realidade, quanto de seu realismo.

As fotografias com suas singularidades, quanto às formas de representação, são produtos de uma mediação entre o olhar do fotógrafo no momento do ato fotográfico e da tecnologia utilizada em sua determinada época histórica. Precisamos pensar que tanto o olhar do fotógrafo, quanto a tecnologia aplicada, mudam constantemente, ou seja, cada período da cultura visual tem suas singularidades, tanto subjetivas como o olhar, quanto objetivas como a tecnologia. Portanto, a cultura visual tem sua própria historicidade, isso interfere diretamente na construção das representações visuais, elas estão diretamente ligadas a diferentes contextos. Poderíamos afirmar que as representações são frutos de seu tempo, porém podem ser lidas e decodificadas em outros contextos, como no caso da interpretação e leituras das imagens, são produzidas num determinado contexto e podem ser utilizadas em outros tempos históricos. Dessa forma fica estabelecido um conjunto complexo de representações, indo desde o seu tempo de captura até os distintos usos como fontes para a produção do conhecimento, ou também para o simples olhar de testemunha de algo que aconteceu no passado.

Precisamos entender as fotografias como pertencentes a uma cultura visual, no sentido de estabelecermos as suas historicidades, para sentirmos as transformações, tanto das sociedades, quanto da própria fotografia, como elementos de representação. Ao analisarmos as fotografias com um elemento e produto de uma determinada cultura, exatamente nesse sentido dela ser um produto, com suas singularidades na produção, circulação e consumo. Sendo assim, precisamos quase que recompor um circuito social da imagem, pois ela circula em diferentes espaços e poderá também ser apropriada para diferentes usos e funções, como uma prova cabal, como um testemunho e mesmo como um mero indício representativo. Os usos e funções são feitos de diferentes formas e apropriações, um pesquisador pode apropriar-se de uma forma contundente para sua pesquisa, um sujeito não-pesquisador poderá apenas contemplar com seu olhar de curiosidade sobre o passado. Portanto, podemos fazer diferentes apropriações dependendo dos usos que as designamos, mas para ambos os sujeitos apontados, elas servem com um tipo cabal de prova de que algo aconteceu, algo que foi capturado pelo fotógrafo.

O artigo está dividido em duas partes, que são interligadas por um elemento comum que é a utilização da fotografia para a construção do conhecimento. Na primeira parte, com um viés mais teórico, discutimos elementos significativos que iniciam com os continentes primários da fotografia entre a arte e a técnica, e posteriormente, avançamos para o posicionamento de autores consagrados que balizam a importância da fotografia como elemento visual. Elementos importantes para a construção da memória e também como um indício testemunhal do patrimônio. Na segunda parte, é uma proposta mais aplicativa da fotografia como testemunha para o patrimônio, pois apresentamos reflexões, tanto sobre um determinado caso de estudo no Rio Grande do Sul, quanto da importância dos usos das fotografias para o entendimento da cultura visual. Cultura é entendida como um testemunho indiciário para os estudos sobre o patrimônio como um espaço consagrado de memórias.

### **Considerações iniciais sobre a fotografia que surgiu com uma dicotomia entre a arte e a técnica**

A fotografia teve seus primórdios no século XIX, principalmente a partir de 1840, revolucionou a maneira de ver o mundo e as suas representações. Em seus primórdios considerada como uma arte aliada à técnica, mas já de imediato os artistas a recusaram como obra de arte. O impacto de seu descobrimento foi de tal relevância que as pessoas sentiam como se o fotógrafo fosse um mágico, capaz de capturar as pessoas de uma forma tão realista. Mas, por outro lado, um impacto de realidade e realismo nunca visto antes, pois a fotografia preto e branco distorcia as cores da realidade colorida. Foi um realismo abrupto,

pois anteriormente o retrato era pintado e trazia cores que representavam um certo ideal de beleza, a fotografia simplesmente rompeu com toda essa representação de beleza idealizada pela pintura.

Nas observações de Frizot (1998), em sua obra - Os continentes primitivos da fotografia - o autor descreveu os primeiros continentes da fotografia no século XIX, com os primeiros fotógrafos, antes mesmo da fotografia ter esse nome de fotografia, ou seja, no princípio até 1860 ainda não era utilizado o termo fotografia. O mesmo autor destaca esses primeiros continentes primitivos, são eles: Continente-Niépce, Continente-Daguerre e Continente-Talbot. Esses três continentes em homenagem aos primeiros homens, considerados fotógrafos, que foram também criadores de toda uma tecnologia fotográfica, sendo criadas as perspectivas da – *História do Ver* – e também da – *História Social da Fotografia* -. Esses primeiros fotógrafos foram responsáveis pela construção de toda uma cultura fotográfica no século XIX e, essencialmente, os criadores da fotografia primitiva. Destacamos esses continentes primitivos da fotografia para evidenciar que, muitas imagens, foram reveladoras de uma cultura fotográfica do passado. Nas observações de Turazzi (1998), muitas dessas são fotografias de cidades, portanto, imagens primitivas de uma possível ideia de representação do patrimônio.

A partir das observações de Turazzi (1998), a cultura fotográfica, que iniciou no século XIX, conseguiu construir todo um legado de imagens de diferentes fotógrafos, com suas devidas tecnologias fotográficas capazes de capturar cenas de diferentes contextos sociais. Sendo assim, todo o processo fotográfico foi se transformando com o passar do tempo, ou seja, todo o ato fotográfico, que segundo Dubois (1994) vai sendo construído com as especificidades do olhar do fotógrafo, que recorta o espaço fotográfico utilizando os equipamentos fotográficos disponíveis em cada contexto histórico. Ou seja, para considerarmos a construção da cultura fotográfica é necessário conhecermos os distintos fotógrafos que captaram as imagens em diferentes contextos históricos, formando uma visualidade específica das diferentes regiões do mundo.

A fotografia desde o século XIX sofreu diferentes modificações e perspectivas de entendimentos e abordagens. Figurada nos seus continentes primitivos como um produto entre a arte e a técnica, no século XX, suas concepções já eram distintas e alteradas nos períodos posteriores. Segundo Frizot (2001), a fotografia já pode ser considerada como um documento, sendo ele histórico por natureza, pois o tempo que ela retrata e as particularidades do instante são pequenos fragmentos de uma história geral. Portanto, recortadas num espaço fotográfico específico, e, essencialmente, eternizadas num

determinado suporte. Suporte esse que poderá ser acessado em outros contextos históricos, nos dando uma ideia de realidade e realismo. A fotografia sempre traz consigo um pouco da ideia de realismo, pois já foi descartada segundo Dubois (1994), a noção da fotografia ser um retrato fiel da realidade.

A fotografia não é somente um suporte de memória, mas também considerada como um documento para a construção do conhecimento histórico. Nessa perspectiva, Le Goff (1995), destaca que a fotografia está entre os grandes documentos para fazer a história, por constituir-se como uma possível prova e testemunho de que algo aconteceu num determinado período. O autor enfatizou que a fotografia permite conhecer a riqueza da vida, mesmo sendo realista, porque o próprio realismo é também uma criação. Sendo que a fotografia representa uma inegável expressão do indivíduo, uma expressão da vida ordinária de todos os indivíduos e da coletividade. A imagem fotográfica nos mostra toda a riqueza do simples ato de ver, por ser um texto visual que exprime a plenitude do humanismo.

Na mesma linha de pensamento da fotografia como um documento para a construção do conhecimento histórico, Mauad (1996), enfatizou que existem dois caminhos para discutir a questão. O primeiro seria tomar a direção da história da fotografia, o qual discutem-se todos os processos de evolução das técnicas e processos de evolução inseridas num processo social de criação das imagens. A autora ainda entende que é necessário entender o que convencionou-se chamar de - *circuito social da fotografia* - entende-se por esse todo o processo de produção (fotógrafo e tecnologia fotográfica), circulação (toda a circulação na sociedade em diferentes meios e suportes) e consumo das fotografias (todo o consumo para o ver e, também, seus usos para a produção do conhecimento). O segundo caminho apontado pela autora é a necessidade de compreender o lugar da fotografia na história. Portanto, dois caminhos a percorrer para a perfeita utilização das fotografias como elementos indiciários para a construção do conhecimento. Salientando as suas contribuições e, também, os seus limites como fonte de pesquisa.

Entendendo as peculiaridades da fotografia como elemento que sofreu um grande percurso entre a arte e a técnica até tornar-se um documento para a construção do conhecimento, ela também pode ser apontada como um importante testemunho da memória. A fotografia e a sua respectiva cultura fotográfica pode ser compreendida como uma modalidade da cultura que participa diretamente da construção da memória, tanto individual como coletiva. Sendo assim, a fotografia pode ser considerada como um elemento privilegiado para a materialização da memória. Le Goff (1996), destacou que a fotografia possibilita a multiplicação e democratização da memória, dando uma verdade que as demais

fontes não conseguiram. Sendo assim as fotografias são capazes de nos permitirem a reconstituição de uma ideia de todo um patrimônio, tanto material, quanto imaterial de toda uma sociedade.

Na perspectiva de tomarmos a fotografia e a cultura fotográfica como um suporte de memória, para o entendimento do patrimônio material do Sítio Arqueológico de São Miguel de Arcanjo, vamos apresentar algumas considerações sobre as imagens fotográficas deste devido espaço da memória. Segundo Nora (1993) existem espaços consagrados da memória, capazes de nos remeter a tempos remotos onde aconteceram fatos marcantes para a história das civilizações. São Miguel das Missões é um espaço de memória privilegiado, pois traz consigo elementos materiais que perpetuaram todo um modo de vida no Rio Grande do Sul marcado pelas disputas entre os Portugueses e Espanhóis que colonizaram a América Ibérica. São fragmentos de uma memória que marcaram o modo de vida de um passado distante perpetuados na materialidade possível de visualizá-lo ainda no tempo presente.

### **Referências fotográficas e de memória em São Miguel das Missões/RS**

São Miguel das Missões/RS é uma localidade que possui suas origens no antigo povoado missionário de São Miguel Arcanjo. Fundada no ano de 1687 pelo Padre Jesuíta Cristovam de Mendonça, era, no chamado segundo ciclo missionário, uma das reduções que mais se destacava e desenvolvia<sup>5</sup> (BAIOTO; QUEVEDO, 2005, p. 16-21). Compôs, com mais seis cidades, um conjunto de povoados que visava, por meio da evangelização dos nativos, a ocupação e a organização do território então pertencente à Coroa Espanhola pelo Tratado de Tordesilhas<sup>6</sup>. O desenvolvimento dos povoados missionários objetivava produzir uma fronteira limite, evitando o avanço português em território então pertencente à Espanha. Tal característica demonstra as disputas e interesses existentes no período colonial acerca da posse das fronteiras e das terras na região.

O modo de vida e a produção de elementos materiais e simbólicos, práticas e estruturas do período missional, são referências que marcam de maneira significativa, a cultura e as identidades tanto dos guarani quanto dos colonizadores que efetivaram o desenvolvimento do projeto de ocupação e organização do território. Na atualidade, identifica-se na região missioneira remanescentes arquitetônicos que, de forma conjunta,

---

<sup>5</sup> Se destacou pela produção do gado.

<sup>6</sup> O Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, dividia as terras descobertas fora da Europa entre os reinos de Espanha e Portugal.

representam um período que alicerça e marca a cultura local, sendo esta trazida no decorrer do tempo e vivida, de distintas maneiras, no presente pelos diferentes grupos que ocupam o espaço onde estes estão inseridos.

Como marcos que constituem as paisagens e as percepções sobre a história local, os remanescentes arquitetônicos, reconhecidos como patrimônio cultural brasileiro em 1938 e mais recentemente em nível mundial em 1983, apontam para distintos usos e leituras que se possa fazer, no presente, sobre o passado e a formação histórica regional. Cabe reforçar que, as referências materiais, consagradas como patrimônio, ou não, bem como as vivências e os cotidianos da população local podem também ser rememorados diante de diferentes meios, como a oralidade e a fotografia, por exemplo.

A fotografia é, para as pesquisas históricas, importante fonte e recurso no estudo e compreensão das sociedades ao longo do tempo. A análise e as interpretações acerca das imagens fotográficas são, cada dia mais, subsídio para que se possa diagnosticar e trazer à luz olhares e sujeitos antes não considerados. Importante apontar que, o documento como fonte não basta como subsídio historiográfico, mas sim os questionamentos a ele efetivados pelo historiador, o qual é influenciado, dentre tantos elementos, pelo contexto de sua análise, bem como pelos procedimentos metodológicos e teóricos utilizados no decorrer do seu estudo. Esta perspectiva proporciona que, em diferentes tempos, contextos e análises, podem-se fazer distintas leituras de uma mesma fotografia.

Criada em meados do século XIX<sup>7</sup>, a fotografia é considerada, conforme preluza Schwanz (2009, p. 1205), como uma representação da realidade. Nesta perspectiva que a utilização da fotografia como fonte histórica enriquece as possibilidades de informações sobre determinado contexto social. Com um bom potencial informativo, as fotografias são, para além de uma estagnação material, fontes dinâmicas que possibilitam um suporte memorial, na maioria dos casos, de algo que não existe mais. Convenções sociais e culturais podem ser identificadas e produzidas na análise fotográfica, efetivando a produção de narrativas capazes de desenvolver, no presente, uma compreensão de práticas, discursos e significados que locais, pessoas e bens materiais produzem e reproduzem em determinado grupo social.

Como uma representação do real, a fotografia permite múltiplas interpretações, sendo, também, cada leitor influenciado por seu contexto e época, atribuindo-lhe significados

---

<sup>7</sup> De acordo com Carlos Fadon Vicente a invenção da fotografia “é contemporaneamente reconhecida como múltipla, sendo atribuída a Niepce, Daguerre, Florence, Talbot e Bayard” (VICENTE, 1998), isto se deve ao fato de que cada um destes contribuiu de alguma forma para a invenção da fotografia.

e expressões peculiares que acabam por criar tantas outras realidades baseadas naquilo que originalmente é manifestado na imagem fotográfica. É a capacidade humana de atribuir sentidos e significados que faz com que o processo criativo seja potencializado pelos indivíduos e grupos ao longo do tempo. Deste modo que a fotografia possui um considerável potencial de uso, momento em que o fator criativo é também necessário e fundamental na própria interpretação das imagens como um suporte de memória.

As fotografias, como seleção de um determinado momento e local, são tanto elementos de apresentação quanto de encobrimento de memórias que estão relacionadas à sua produção bem como aos sujeitos e práticas que direta ou indiretamente podem estar ligados ao ambiente e ao contexto em que foram produzidas. Esta ideia é corroborada por Schwanz (2009, p. 1208) quando afirma que as fotografias podem ser ao mesmo tempo suporte de memória e "detonador" de memórias, de sentimentos e de intenções, que revelam grosso modo as interpretações que podem produzir e imergir socialmente quando colocadas em destaque. Tal ideia está ligada também à percepção que os sujeitos fazem do tempo, dos objetos e dos locais, sendo estes suscetíveis de diferentes usos e sentidos ao longo do tempo. Ao que tudo indica, o tempo é marcado e referenciado mediante aquilo que é gravado quando a imagem é capturada fotograficamente, oportunidade em que se registra e apresenta percepções sobre certa realidade criando deste modo referências a serem compartilhadas entre os indivíduos e grupos no decorrer do tempo.

A fotografia, como um código iconográfico, remete às representações que auxiliam na própria caracterização da imagem que os grupos e sujeitos possuem de si próprios, oportunidade em que instrumentaliza o registro de eventos, sociais e individuais, fazendo desta um recurso disponível para a leitura de diferentes coletivos, contextos e períodos históricos. Mesmo sendo resultado de uma escolha, de um processo seletivo “do que registrar”, “do que lembrar”, a fotografia pode ser considerada como uma representação do olhar, dos interesses e do contexto em que é produzida.

No caso da localidade miguelina<sup>8</sup>, as fotografias foram, grosso modo, direcionadas aos aspectos arquitetônicos relacionados à antiga redução jesuítica de São Miguel Arcanjo. A partir da consagração deste local como patrimônio nacional e mundial, efetivaram-se grandes esforços políticos e administrativos para promover as antigas “ruínas” em atrativo turístico referência no âmbito cultural para toda a região Sul do país. A imagem a seguir apresenta o então distrito de São Miguel das Missões nos anos 1967:

---

<sup>8</sup> Como é chamada a comunidade denominada de São Miguel das Missões/RS.

**Imagem Nº 01:** Vista aérea do Distrito de São Miguel das Missões nos anos de 1967.



**Fonte:** Arquivo IPHAN

Pode-se visualizar ao centro da imagem acima (nº 01) os remanescentes do antigo povoado missioneiro, onde os vestígios da então igreja da redução se destaca em meio a um contexto basicamente rural e desprovido de infraestruturas urbanas. Ressalta-se que o distrito de São Miguel das Missões pertencia ao município de Santo Ângelo até o ano de 1988, quando se emancipa deste e inicia um processo de desenvolvimento de estruturas e setores administrativos para atender a população que ali habitava. Observa-se na referida imagem que a comunidade miguelina já nos anos 1960 se destacava pela agricultura. Seu território, desde este período se caracteriza fortemente pela produção agrícola e pecuária, sendo este o setor que se destaca na localidade até os dias atuais, momento em que o setor primário é aquela referência na produção e nas receitas públicas. Tal característica pode ser interpretada como um dos elementos que influenciam e confrontam o desenvolvimento de

outros setores, como o turístico<sup>9</sup>, por exemplo, que apesar dos esforços latentes para sua potencialização, nunca despontou em São Miguel como aquele tido como referência econômica e cultural para seus moradores.

Identifica-se, no contexto apresentado pela fotografia supracitada, um certo interesse das autoridades locais em promover a cadeia do segmento turístico na região, partindo da ideia de que os remanescentes então exóticos e antigos pudessem servir de atrativo e lazer no campo cultural, gerando como consequência renda, emprego e investimentos na cidade. Corrobora-se esta afirmativa conforme se pode vislumbrar na imagem abaixo:

**Figura nº 02:** CTG 20 de Setembro (Santo Ângelo/RS) em 1966.



**Fonte:** Imagem utilizada em Material Publicitário da região. CTG 20 de Setembro.

<sup>9</sup> Segundo dados do Escritório Regional do IPHAN, o público que visitou o sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo nos últimos anos: 2016 (73.055), 2017 (76.837), 2018 (72.409), 2019 (75.268) e 2020 (11.527). Ressalta-se que a queda no quantitativo de visitas em 2020 se deve às restrições impostas pela Pandemia da Covid-19.

Para a promoção da região como atrativo, alçou-se mão de elementos e práticas culturais a fim de divulgar e comercializar a localidade como o local onde "nasce o Rio Grande", e as vivências de uma cultura tradicionalista seriam por consequência latentes entre seus habitantes. Deste modo que o espaço então consagrado pela sua arquitetura em ruínas é estratificado paisagisticamente como imagem símbolo de práticas culturais as quais permaneceriam vivas na atualidade. Serve de inspiração e modelo para a produção de práticas e discursos que almejam o desenvolvimento de uma identidade padrão aos "gaúchos". Reforça-se que neste contexto, o movimento tradicionalista é fundamental no compartilhamento e na consolidação daquilo que passa a ser marcado como genuíno daqueles que habitam e se expressam culturalmente no Rio Grande do Sul. O sentido dado ao patrimônio é deste modo ressignificado por meio de uma política voltada a uma estética que proporcione o reconhecimento e a valoração de uma identidade local, que apesar de diversa daquela que ali habitava e que projetou e construiu a antiga redução, é na atualidade herdeira e mantenedora de seus remanescentes.

Conforme cita Mumbach (2018, p. 43), a promoção das "ruínas" ganha impulso com a criação do Espetáculo de "Som e Luz"<sup>10</sup> nos anos 1970, o que de grande monta inculca na comunidade local e turistas uma narrativa histórica sobre o desenvolvimento e declínio das Missões Jesuíticas dos séculos XVII e XVIII. Pode-se indicar que há no contexto ora analisado a produção e o incentivo de certas memórias que objetivam, dentre outras coisas, a constituição de referências com as quais a população possa embasar suas identidades bem como a projetarem certo futuro. O passado jesuítico-guarani é projetado de distintas maneiras a fim de que atraísse e promovesse valores e narrativas que corroborassem com a imagem desejada à região. Deste modo que os remanescente localizados no então distrito de Santo Ângelo passam a compor a formação de uma memória regional, sendo esta alicerçada naquilo que um dia compôs uma cultura indígena e europeia, e que no presente, mesmo que de forma diferente, os atuais habitantes deste território buscam manifestar à sua maneira de modo a compor um passado que os legitimem como indivíduos dotados de determinadas características. Isso porque, os guarani, sujeitos que edificam as missões, são, no contexto recente, excluídos dos processos narrativos e de práticas consideradas relevantes, desconectados, ao senso comum, de um passado estratificado dos períodos "gloriosos" das

---

<sup>10</sup> Criado no ano de 1978, pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e posteriormente repassado ao Município de São Miguel das Missões-RS. O texto e o roteiro de Henrique Grazziotin Gazzana contam com as vozes de Fernanda Montenegro, Lima Duarte, Paulo Gracindo, Juca de Oliveira, Rolando Boldrin, Maria Fernanda e Armando Bógus. (Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões/RS, Secretaria de Turismo, 2017).

Missões, sendo apenas os guarani do período missional exaltados e colocados como referência na produção do próprio patrimônio arquitetônico ali existente e consolidado<sup>11</sup>.

É como se o nativo “de valor” fosse apenas aquele que habitou as reduções, excetuando-se aqueles que nas últimas décadas perambularam pela região em busca de terra e reconhecimento. Há, portanto, em boa parte do período em que os remanescentes arquitetônicos buscavam o *status* público de patrimônio, um certo apagamento e silenciamento dos indígenas que sempre circularam por todo o território. Isso porque, com o processo de colonização e repovoamento, a formação étnica da região se caracterizou pela predominância europeia, sendo descendentes de portugueses, alemães, poloneses e italianos, aqueles que após o declínio das Missões foram responsáveis pela reorganização do território, sendo suas culturas e práticas mescladas e produzidas junto com aquelas já efetivadas pelos nativos que habitavam e circulavam pela região. É assim que a cultura local se consolida de forma múltipla e diversa, onde diferentes sujeitos e práticas disputam, negociam e consolidam referências materiais e simbólicas, se utilizando, muitas vezes, como no caso das Missões, daquilo deixado materialmente pelo passado.

Visualiza-se em imagens fotográficas da década de 1950, a circulação de turistas e pessoas exógenas à região em visita pelos antigos remanescentes da localidade miguelina, conforme figura abaixo:

---

<sup>11</sup> Este ideal é quebrado, em partes, com a produção e registro da “Tava Miri - Lugar de referência para o Guarani”, que no ano de 2014 coloca São Miguel como elemento imaterial central à cultura dos Guarani que na atualidade circulam e vivem pela região, sendo, portanto, lugar capaz e necessário para as identidades destes enquanto grupo.

Imagem N° 02: Turistas em São Miguel das Missões. Anos 1950.

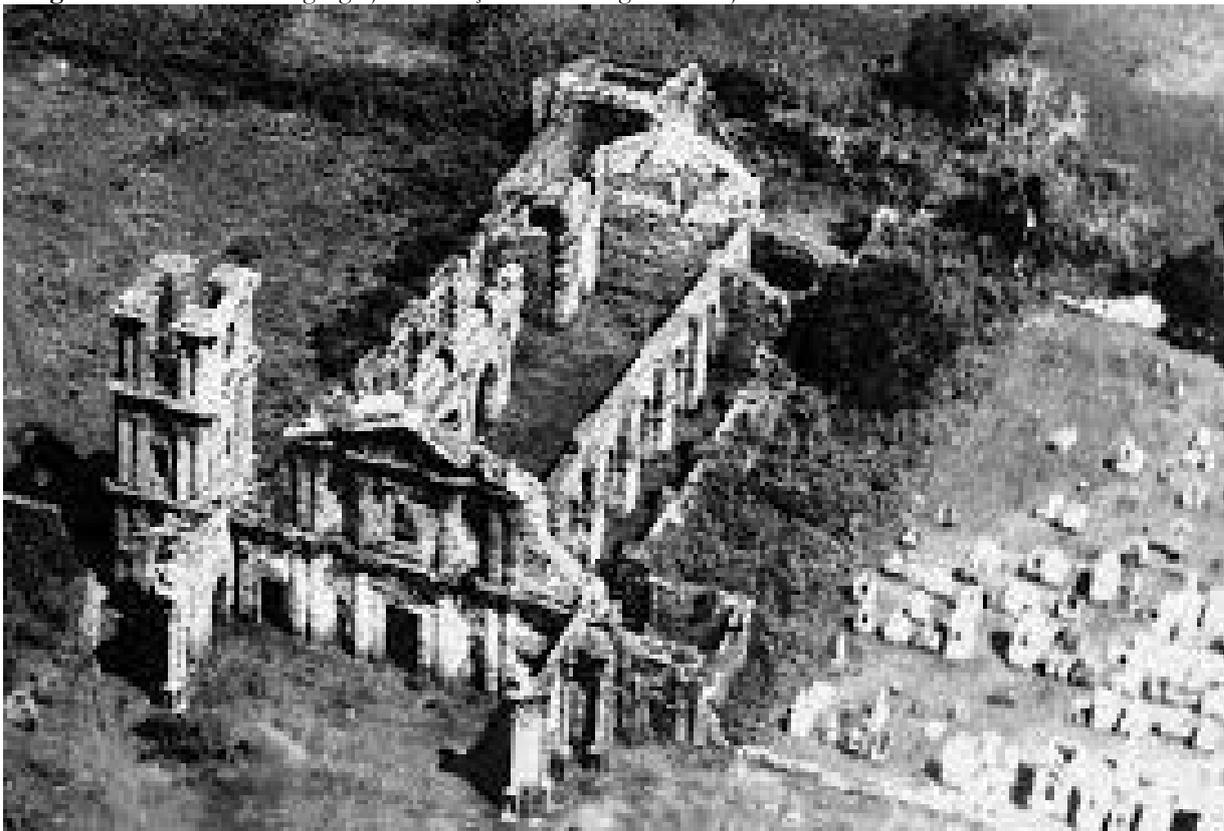


Fonte: <https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/11018834264> (Acessado em 10/08/2021)

Percebe-se na figura acima um momento de turistas em visita a São Miguel das Missões nos anos 1950. Não se sabe os contextos que envolvem a visita, se a mesma decorre de algum evento específico, por exemplo, ou a motivação exata para o encontro destes sujeitos no local supracitado. Pode-se observar na imagem alguns elementos interessantes, tais como: **a)** no primeiro plano da fotografia identifica-se que quase a totalidade são mulheres que cuidam de crianças que brincam e sorriem em frente às ruínas da antiga igreja reducional; **b)** as vestimentas utilizadas pelos indivíduos bem como os penteados das mulheres, parecem ser padronizados e ajustados a um estilo de comportamento social que representa o contexto ora vivido; **c)** no segundo plano da imagem demais pessoas

parecem visitar e contemplar a fachada da igreja, indicando que estes sujeitos são pessoas exógenas à localidade; **d)** a respeito dos remanescentes arquitetônicos, percebe-se que o frontispício da igreja possui em algumas partes a coloração branca, o que corrobora com a afirmativa de que a igreja em questão, no período reducional, era pintada de branco; **e)** percebe-se que o local, no período da foto, já possui uma determinada limpeza do mato e da vegetação que até o início dos anos 1930 eram frequentes no espaço, demonstrando uma higienização do ambiente a fim de que este pudesse receber visitantes de modo mais qualificado. Esta característica é corroborada ainda com a retirada do cemitério que existia ao lado direito da igreja, conforme imagem abaixo:

**Imagem nº 03:** Vista da antiga igreja da redução de São Miguel Arcanjo em Ruínas



Fonte: Arquivo Noronha Santos, s/d

A retirada dos jazigos ocorreu na década de 1970 e possuía, provavelmente, como objetivo principal deixar o sítio arqueológico mais "original" possível, extraído deste aqueles elementos que não correspondessem ao período de sua construção, ou seja, o missional. A ação de limpar o espaço do antigo cemitério causa na população local certo

estranhamento e contrariedade às ações de salvaguarda patrimonial desenvolvidas neste contexto pelo IPHAN<sup>12</sup> na localidade miguelina. O uso do espaço e dos remanescentes arquitetônicos sofre significativa alteração, passando das necessidades dos que ali habitam, para daqueles que são de fora da comunidade, na perspectiva de que para se obter a proteção do patrimônio bem como seu uso mercadológico e sustentável, importantes mudanças são necessárias e efetivadas em um ambiente até então marcado por características e práticas interioranas, muitas destas vislumbradas até os dias atuais, o que por consequência gera contrassensos e contrariedade da comunidade local. De certo modo, as perspectivas de uma população basicamente rural não se aderiram aos interesses e usos de um espaço que passa a ser considerado e gestado como patrimônio histórico e cultural.

O contexto miguelino<sup>13</sup>, apesar e com os remanescentes arquitetônicos de um período histórico longínquo, como dito, refletem um ambiente rural, de práticas e trabalhos com o gado e o cultivo da terra.

**Imagem Nº 04:** Cavalhada em frente às Ruínas de São Miguel das Missões. Sem data.



Fonte: MADP/UNIJUI

<sup>12</sup> IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Autarquia Federal responsável pelas políticas de proteção do patrimônio histórico brasileiro.

<sup>13</sup> Miguelino: como é chamado quem nasce ou mora em São Miguel das Missões.

Conforme destaca Marchi em sua tese de doutoramento (2018, p. 327), o antigo povoado missioneiro, mesmo em ruínas, era espaço de sociabilidade e de práticas culturais antes mesmo das primeiras ações públicas e governamentais de reconhecimento e proteção deste como patrimônio cultural pelo Estado. Segundo o autor, a imagem (Nº 04) possui em seu verso a descrição "*No fundo as Ruínas de São Miguel. Na frente um grande grupo de homens a cavalo. Devido à data, provavelmente os chimangos*"<sup>14</sup>, o que representa um equívoco na compreensão dos movimentos e representações decorrentes do período, onde diversos movimentos, grupos e conflitos foram, neste caso, confundidos com um momento festivo registrado na respectiva imagem, no caso uma cavalcada.

É preciso considerar ao longo do último século, distintas mudanças na economia e na cultura local, o que para Marchi (2018) justifica o fato das cavalcadas terem deixado de ser praticadas ainda nas primeiras décadas do século XX, em virtude da sobreposição de matrizes culturais dos imigrantes que passam a ocupar e inserir também seus costumes, práticas e culturas no contexto local. Importante, portanto, registrar que a inserção de grupos e colônias de imigrantes promove intensas alterações socioculturais e econômicas, reconfigurando, certo modo, as relações e as dinâmicas do material e do simbólico na região.

Deste modo, percebe-se como uma imagem, representada através da fotografia, pode, ao mesmo tempo, possuir, em distintos momentos, interpretações diferentes. Refere-se isso, basicamente pela importância das perguntas que o pesquisador, *a priori*, faz acerca de algo a respeito do documento que possui para análise e estudo. Certo é que, apesar das contradições e do trabalho que pode decorrer de um mesmo arquivo fotográfico, este representa um recurso considerável na compreensão e na leitura que se pode fazer de contextos, grupos, localidades e sujeitos diversos ao longo do tempo, servindo não apenas à academia em si, mas ao autorreconhecimento que os próprios indivíduos fazem de si mesmos e do espaço em que vivem.

A intensa transformação do lugar patrimonializado é, apesar das tentativas de sua manutenção original, decorrente do tempo e das necessidades de um local que se deseja

---

<sup>14</sup> A fotografia foi utilizada equivocadamente em publicações históricas regionais como registro fotográfico de forças revolucionárias relacionadas às revoltas políticas que ocorriam na região naquele momento. Ainda, a título de curiosidade, Érico Veríssimo, no romance histórico *O Tempo e o Vento*, se utilizou da cavalcada como dispositivo para mostrar o conflito político entre os imperialistas da família Amaral e os republicanos da família Cambará. É durante a representação de uma cavalcada que ocorre o enfrentamento entre as famílias opositoras. (MARCHI, 2018, p. 327)

referência cultural no contexto regional. Identifica-se, por exemplo, por meio das fotografias, a construção da estrutura do então Museu das Missões<sup>15</sup> :

**Imagens nº 05 e nº 06:** Construção do Museu das Missões (1940) (e) e Estatuária Missioneira exposta em frente ao Museu



**Fonte:** Arquivo IPHAN

O Museu, idealizado e projetado por Lúcio Costa nos anos 1940, teve como objetivo reunir a vasta quantidade de estatuária que se encontrava espalhada por toda a região missioneira. Atualmente o Museu detém o maior acervo de esculturas do período missional em madeira policromada no Mercosul. Sua arquitetura foi inspirada nas casas indígenas reducionais, as quais de maneira coletiva abrigavam várias famílias em um mesmo espaço, sendo assim local de compartilhamento e vivências para os guarani. Aponta-se que o Museu das Missões foi projetado de modo a interferir o mínimo possível na paisagem e entorno das antigas ruínas de São Miguel Arcanjo, oportunidade em que ambos parecem conciliar e dialogar perfeitamente uma estética e um ambiente referência para o período reducional no presente.

A construção de um Museu na região Missões nos anos 1940 é, sem dúvida, um marco na salvaguarda de elementos não apenas materiais, como a estatuária, mas também dos saberes e fazeres representativos de um contexto onde, na atualidade, não se possui mais os conhecimentos e técnicas necessários para sua reprodução. Não obstante que o ato de reunir centenas de imagens esculpidas por padres e guaranis nos séculos XVII e XVIII, foi, no contexto de criação do Museu, fator que certamente garantiu a sua salvaguarda e permanência como patrimônio histórico material e imaterial relevante a toda uma região.

---

<sup>15</sup> Museu criado pelo Decreto-lei nº 2.077, de 8 de março de 1940, pelo presidente Getúlio Vargas. Atualmente o Museu é gerido pelo IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus).

Como já dito, o espaço hoje consagrado como patrimônio cultural da humanidade, teve suas primeiras intervenções para salvaguarda efetivadas nos anos 1920, sendo um dos primeiros locais a ter, após a edição do decreto Lei Nº25 de 1937, uma intervenção do Estado, leia-se Governo Federal, na implementação de ações para a proteção dos bens ali localizados.

**Imagens nº 07 e nº 08:** Fachada da igreja da Redução de São Miguel Arcanjo antes e durante seu processo de salvaguarda



Fonte: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

Vislumbra-se nas imagens acima dois momentos distintos na paisagem e na consolidação de um local que se tornaria aos olhos do Estado, patrimonializado. A esquerda identifica-se o modo em que se encontrava a fachada da antiga igreja reducional no início do século XX. Vegetação e animais predominam no lugar, que aparenta estar abandonado. Como já dito, a noção de abandono é apenas uma imagem produzida acerca deste espaço, o qual sempre, em maior ou menor intensidade, foi palco da circulação de distintos sujeitos ao longo do tempo.

A imagem a direita expõe as primeiras ações de estabilização da torre da igreja, que como se observa na imagem ao lado, possuía grandes avarias decorrentes do tempo e da natureza. Para além dos reparos na torre, a qual foi praticamente reconstruída, procedeu-se a

limpeza e o cercamento da área, evitando o fluxo de animais e a consequente deterioração dos remanescentes ali localizados. Este período, aliado à construção do Museu, como mostrado anteriormente, são marcos representativos dos processos de salvaguarda na região, oportunidade que sem estes, talvez na atualidade, não tivéssemos tais elementos como representativos e tampouco o acesso e o conhecimento que podem de maneira constante fornecer.

As imagens fotográficas aqui expostas são apenas algumas das várias que circulam pela internet e que compõem acervos públicos de distintos locais do Rio Grande do Sul. Deste modo, sua exposição e análise neste trabalho, representam também uma escolha dos autores, sendo assim fruto do interesse que estes possuem no momento da produção deste ensaio. Indubitavelmente, o acervo imagético existente sobre a região é fonte ainda para muitos estudos e análises acerca da cultura e da memória acerca do patrimônio e dos sujeitos que habitaram e vivem por este território.

## **Conclusão**

Como registros de distintos períodos, as fotografias apresentam, referências de contextos que, na atualidade, servem como suporte de memórias que evocam, de maneiras distintas, lembranças e sentimentos acerca dos elementos materiais hoje existentes na localidade de São Miguel das Missões/RS. Tais imagens são, também, instrumentos fundamentais para que se possa, nos dias atuais, proceder no desenvolvimento de explicações e conhecimentos sobre o passado e as transformações que o ambiente e o local hoje patrimonializado sofreram ao longo do tempo, em especial neste último século.

As fotografias, com sua grande possibilidade de interpretação e evocação de memórias e sentimentos, são também representações de esquecimento, pois sendo fruto de um processo de escolha do contexto em que foram produzidas, deixam de lado, aos olhos daquele que a registrou e documentou, uma vasta quantidade de outros locais, momentos, sujeitos e expressões, que igualmente compuseram a realidade material e cultural dos sujeitos que ali viviam. Desta maneira, as fotografias, enquanto autorrepresentação, estão diretamente ligadas a uma tentativa de organização e documentação de experiências e interesses dos momentos em que foram produzidas, sendo, portanto, narrativas de certos momentos, grupos e lugares.

A comunidade miguelina, detentora de um local patrimonializado, possui nas fotografias, uma importante aliada na composição de uma paisagem que se consolida e se

estratifica nas memórias e representações que delas são resultado no decorrer do tempo. Seu uso, no tempo presente, serve à compreensão de que a utilização e as representações do patrimônio ali consagrado, acompanham, de modo direto, as ações de salvaguarda, e, igualmente, a produção de certas e distintas narrativas históricas que se efetivam sobre o lugar.

Indubitavelmente, no contexto ora analisado, as fotografias representam e comunicam todo um aparato cultural e identitário dos sujeitos que viveram e circularam pela região, momento em que se pode considerar que tais imagens, como recurso documental e memorial, servirão ainda às gerações vindouras como aparato de comunicação e análise das memórias, vivências e fatos históricos dali decorrentes. Isso quer dizer que tais fotografias circularão por distintas mãos e poderão ser compreendidas, analisadas, criticadas e rememoradas de modo a dar sentido também às aspirações culturais e identitárias daqueles que a fizeram no futuro.

As fotografias apresentadas conseguem, apesar do processo de escolha a elas inerentes, captar modos, sentidos, apreensões e percepções do contexto e momento em que foram produzidas, expressando deste modo particularidades e processos que, direta e indiretamente, compuseram os olhares e identidades representativas da paisagem, do uso e do patrimônio ali consagrado. Desta feita ainda que o passado se coloca no presente de maneira a proporcionar novas interpretações e discursos.

Conclui-se, diante do exposto, que as fotografias representam um relevante suporte de memórias para a região missioneira, onde o imaginário acerca do passado e do patrimônio são constituídos de modo a proporcionar que os sujeitos efetivem representações e discursos acerca de suas identidades. Contribui assim, junto a outros arquivos e documentos, com a compreensão que se faz, no presente, acerca da paisagem dos elementos materiais, imateriais e patrimoniais existentes na localidade ora analisada. Sugere-se, deste modo, que as dinâmicas que envolvem as construções memoriais pelo viés fotográfico, que o passado é enquadrado, de maneira a ajustar o tempo e suas representações a suprir as demandas no tempo presente.

## Referências

- BAIOTO, Rafael, QUEVEDO, Júlio. **São Miguel das Missões: a saga do povo missioneiro**. - 2 ed, Porto Alegre: Martins Livreiro, 2005.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- FRIZOT, Michel. Os continentes primitivos da fotografia. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n.27. IPHAN, 1998.
- FRIZOT, Michel (org). **Nouvelle histoire de la photographie**. Paris: Adan Biro; Larousse, 2001.
- LE GOFF, Jacques. Mirages de l'histoire. In: **La recherche photographique**. Paris: Paris Audio-visuel, n.18, 1995.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.
- MARCHI, Darlan De M. **O patrimônio antes do patrimônio em São Miguel das Missões: dos jesuítas à UNESCO**. 2018. 509 f.Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.
- MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história. In: **Revista Tempo**, v.1. UFF. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- MUMBACH, Sandi. **O processo de emancipação de São Miguel das Missões na década de 1980: o patrimônio em disputa**. Dissertação de Mestrado, UFSM. 2018.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**. v.10. São Paulo: Editora PUC-SP, 1993.
- TURAZZI, Maria Inez. Uma cultura fotográfica. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. N.27, IPHAN, 1998.
- VICENTE, Carlos Fadon. **Fotografia: a questão eletrônica**. In: SAMAIN, Etienne. O fotográfico. São Paulo: Hucitec, 1998, págs. 327-336.
- .